



## Lima Barreto, o centro e a Estrada Real de Santa Cruz

Lima Barreto, the center and Santa Cruz Royal Road

Danielle Mariana Maia Rosa<sup>1</sup>

Valeria Rosito (Orient.)<sup>2</sup>

**Resumo:** Lima Barreto viveu no Rio de Janeiro do começo do século XX. Desviando-se dos roteiros principais da até então, capital do Brasil, o conto *Manel Capineiro*, narra o outro lado da cidade, resgatando o que a monarquia deixou: a Estrada Real de Santa Cruz. Este trabalho coteja a narrativa de Lima Barreto com imagens próprias de sua vivência às margens da cidade do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Lima Barreto, Rio de Janeiro, sociedade e centro-periferia.

**Abstract:** Lima Barreto lived in Rio de Janeiro in the early twentieth century. Deviating from the main routes to the capital of Brazil, the story *Manel Capineiro*, he goes about the other side of town, recovering that which the monarchy's legacy: Santa Cruz Royal Road. This papers compares Lima Barreto's language to images related to his life in the outskirts of the Rio de Janeiro's central area.

**Keywords:** Lima Barreto, Rio de Janeiro, society and center-periphery.

### 1. Introdução

O Brasil do começo do Século XX passava por grandes transformações e Lima Barreto traz ao conto *Manel Capineiro*, como cenário um dos símbolos da monarquia, a Estrada Real de Santa Cruz. Neste trabalho, o autor vai descrever um Rio de Janeiro desconhecido e confrontar com o sistema republicano, que vigente no país, disputava o espaço com os resquícios deixados pela herança monárquica.

Lima Barreto acompanhou várias transformações que entraram para a história do Brasil. Estas transformações foram repassadas por ele dentro de suas obras, não só servindo de base para narrar o cenário vigente, mas para expor suas críticas. Boscato vai descrever essa duplicidade como "...narrativo (relato dos percalços do brasileiro em sua pátria) e o crítico (ênfase dos limites da ideologia)..." (BOSI, 1980, p. 357), pois as transformações que a

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Professora adjunta do curso de Letras Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

capital recebia favoreciam somente as classes dominantes, e confrontavam com as ideologias de Barreto e que envolviam as temáticas da cultura popular.

Observa-se que esses fatores somam com a biografia do autor, que era descendente de mestiços e afilhado do Visconde do Ouro Preto, e tinha o conservadorismo monárquico interiorizado para a sua defesa social e racial. As leituras de obras ficcionais vindas da Europa do século XIX fazem com que ele se aproxime do gênero biográfico. Destarte, através destas influências, tem como objetivo se tornar um ativista e por meio de suas obras, ser contra a sociedade elitista que favorecia somente aqueles que faziam parte deste círculo.

## **2. Do Centro republicano à Zona Oeste monárquica**

A República foi iniciada no Brasil, em 1889 e ficou conhecida como “República das Espadas”, pois os presidentes que exerceram o cargo, eram militares e o poder destes, se estendeu até 1894. Após esse período, foi iniciado em 1894, a “República Oligárquica”, que popularmente ficou conhecida como “Política dos Governadores”.

Junto com a República, novas mudanças ocorreram, como por exemplo, a reformulação da cidade que era a sede da capital federal que contrastava com o passado monárquico, passado este, não muito distante e o autor analisa através de suas ideologias, essas transformações que significavam ruptura, valorização do dominante, enquanto para os governantes, significava o sinal do avanço. Ou seja, “... enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.” (BENJAMIN, 1987, p. 226). Por conta das constantes modificações que alteravam o visual de toda a cidade, os republicanos, além de realizarem o saneamento em torno da zona portuária, tinham também, o objetivo de modernizar a capital federal aos moldes europeus, como cita Barbosa:

O Rio de Janeiro vivia a grande hora da sua remodelação. Osvaldo Cruz, um jovem médico desconhecido, com menos de 30 anos, enfrentava o problema da febre amarela e saneava a cidade. Ao mesmo tempo, sobre os escombros dos velhos sobradões coloniais, demolidos pela Prefeitura, Pereira Passos construía uma nova

metrópole, sem sacrificar a beleza da paisagem, tão gabada por nós, há quatro séculos celebrada por quanto viajante estrangeiro aportasse à Guanabara. (BARBOSA, 2003, p.143)

Os pontos abordados anteriormente podem ser notados nas imagens seguintes. Na primeira fotografia, observa-se o aglomerado de casas de um cortiço, característico das ruas do Senado e da Alfândega e usufruídas pelos viajantes e, principalmente, por imigrantes que aportavam na Baía de Guanabara. Na segunda, a Rua Larga, que tinha esse nome por sua estreita largura, mesmo assim, sofreu alterações durante a reformulação da cidade, assim como, por exemplo, a Avenida Central (atual Rio Branco), como Barbosa descreve:

O povo assistia espantado à revolução urbanística. Em meio à poeira levantada pelos quarteirões derribados, às dezenas, pelos alviões e picaretas da municipalidade – para abrir a Avenida foram demolidas mais de 500 casas – o povo não se lembrava de Paris, como o Barão do Rio Branco, nem da civilização, como o cronista, e dizia boquiaberto: - É o bota-abaixo! (BARBOSA, 2003, p.143).



*Fotografia 1 - Cortiço do Centro da cidade - Por Paulo Pacini*



*Fotografia 2 – Rua Larga (atual Marechal Floriano, localizada no Centro) - Por Eliomar Coelho*

Na citação abaixo, Prioste comenta uma crítica de Barreto a respeito das modificações feitas na cidade, em estilo europeu ou argentino, e o deslocamento da população excluída para áreas mais afastadas, pois percebe-se que as construções progressistas tinham como ideal, o destinatário que pertencia à classe dominante.

O inconformismo constante do cronista se dava porque ele renegava qualquer remodelamento da cidade: “esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventícios, que querem um Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão”. Essa obsessão pela capital argentina, segundo ele, não fazia sentido, pois era incoerente destinar as camadas sociais mais baixas à periferia da cidade. (PRIOSTE, 2011)

Ressalvando a fotografia e contrapondo às palavras de Barreto e do comentário de Prioste, pode-se ressaltar na fotografia abaixo, o modelo “Rio-Paris”. Pois, o estilo das arquiteturas e a urbanização, o estilo dos jardins franceses e a amplitude da avenida. O novo Rio de Janeiro, nem remete a ausência do que até então era tomada por cortiços da herança da era monárquica.



Fotografia 3 – Praça Marechal Floriano Peixoto e o Theatro Municipal - Por Prof. Otávio Cruz

O autor inconformado com estas constantes urbanizações forçadas, José Carlos Pinheiro Prioste cita um comentário, a respeito dessas modificações:

[...] a cidade que se civilizava era constantemente ironizada por Barreto. Até porque precisou se mudar para os distantes bairros suburbanos por conta da urbanização forçada. Barreto residiu durante anos em Todos os Santos, no Rio de Janeiro [...] (PRIOSTE, 2011).

Pode-se exemplificar no capítulo VII da obra *Clara dos Anjos* (1922), Barreto faz uma distinção do que seria a separação do centro “O pequeno Rio de então parecia resumir-se na Rua do Ouvidor. Era chamada sala de visitas da cidade, onde desfilavam políticos, literatos e moças elegantes.” (BARBOSA, 2003, p.93) e da periferia, através de descrições que caracterizam as duas regiões. Uma dessas descrições endereça a periferia, que não vivia a ascensão da modernização, urbanização e o controle sanitário, que Rio de Janeiro recebia.

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato.

Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante de varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo. (BARRETO, s.d., p. 89)

A convivência com a Zona Oeste da cidade rendeu ao autor, vários trabalhos que tinham como bases, as vivências da população que reside na região, que era denominada como rural e que aos poucos, estava tendo aspectos da cidade grande, devido a nomeação “oeste”. Prioste exemplifica esta passagem, com um fato relatado por Barreto na obra *Recordações de escrivão Isaías Caminha* (1909) e que hoje pode ser dominado como algo corriqueiro e, principalmente, especificado nos meios de comunicações, como algo ocorrente somente dentro das regiões periféricas.

O bairro de Santa Cruz, próximo a Campo Grande, figurou em um episódio narrado no livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), que relata o assassinato de uma mulher e de um homem, que foram encontrados esfaqueados e decapitados. O que hoje é fato corriqueiro no noticiário sensacionalista sobre a degradação e a violência na periferia chamou a atenção na época justamente por contrariar a vida pacata de uma região então denominada zona rural e agora conhecida como oeste: “a notícia espalhou-se rapidamente, com uma rapidez de telégrafo, com essa rapidez peculiar às notícias sensacionais que nas grandes cidades se transmitem de homem a homem quase com a velocidade espantosa da eletricidade”. (PRIOSTE, 2011)

Ainda na obra *Clara dos Anjos* (1922), o autor transporta o leitor para o que seriam as características do subúrbio, que com as linhas de estrada de ferro implantadas na época da monarquia, dava acesso para que o subúrbio transitasse para o centro e vice-versa. Assim, ele demonstra neste trecho: “O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopema, tendo para eixo a linha férrea da Central.” (BARRETO, s.d. . p. 88)

Observa-se então, que o autor não só relatava em suas críticas somente as ruas do centro da cidade, mas também, sobre um Rio de Janeiro que ficou esquecido e que era banalizado. Entretanto, a população que também fazia parte deste foco, não deixava de frequentar a cidade, muita das vezes, para trabalhar e atravessavam para o outro lado, através dos trens que passavam pelas linhas férreas construídas pela monarquia.

### **3. Do Centro à Estrada Real de Santa Cruz**

No conto *Manel Capineiro*, o bairro de Santa Cruz vai servir de cenário para o escritor narrar mais um de seus trabalhos. O conto tem como “pano de fundo” a antiga estrada de ferro Estrada Real de Santa Cruz e ligava a Quinta da Boa Vista até à Fazenda Imperial de Santa Cruz. Esta região foi fundamental desde a época dos jesuítas até o Segundo Reinado, principalmente, pela constante presença da família real na região desde a época de D. Pedro I.

Antes da passagem da família real pela região, os jesuítas da Companhia de Jesus fizeram uso da região, que receberam através de uma doação feita por dona Marquesa Ferreira, viúva de Cristovão Monteiro, que recebeu as terras da Coroa Portuguesa, como recompensa por ter participado da batalha de 1567, que expulsou os franceses da Guanabara. Os jesuítas se instalaram na região e fizeram dela a mais desenvolvida da Capitania do Rio de Janeiro, compreendendo escravos, gados e diversos tipos de cultivos de produção primária. Com a intervenção do Marquês de Pombal, e que teve como objetivo, a expulsão dos jesuítas e resultou para a Coroa, na tomada das riquezas geradas pela Companhia de Jesus, entre elas, a Fazenda de Santa Cruz.

Após um período de improdutividade, a prosperidade só retorna à região, após a chegada da Família Real ao Brasil. D. João VI, nomeia o local como sendo de descanso e promove adaptações e funções necessárias de um Paço, como o de São Cristovão. Assim, passa a ser chamado de Palácio Real de Santa Cruz. Após o regresso de D. João VI a Portugal, D. Pedro fica no Brasil e passa a ser um frequentador assíduo da fazenda. Tanto que, após a proclamação da Independência e de sua vinda de São Paulo, ele comemorou

junto com outras figuras importantes deste momento histórico, na fazenda de Santa Cruz.

Com a abdicação de D. Pedro I, seu filho, D. Pedro II em seu longínquo reinado, continua frequentando o Palácio Imperial, como a fazenda foi nomeada por D. Pedro I. O segundo imperador, além de continuar a tradição da família, expande para a região tecnologias que até então, só se encontravam na região central do Rio de Janeiro. Entre essas tecnologias, a instalação do telefone, que servia de comunicação com o Paço de São Cristovão e a Estrada de Ferro, que no conto *Manel Capineiro*, é citada por Barreto, como Estrada Real de Santa Cruz.

Com a chegada da República no Brasil, a região passou a ser ocupada pelos militares e o Palácio Imperial, passou a ter mais um andar e hoje, abriga o Batalhão-Escola Villagran Cabrita. O local recebe este nome, pois o homenageado recebeu a nomeação de Cavaleiro da Ordem de Cristo, pelo governo imperial e é Patrono de Arma da Engenharia do Exército.

#### **4. *Manel Capineiro***

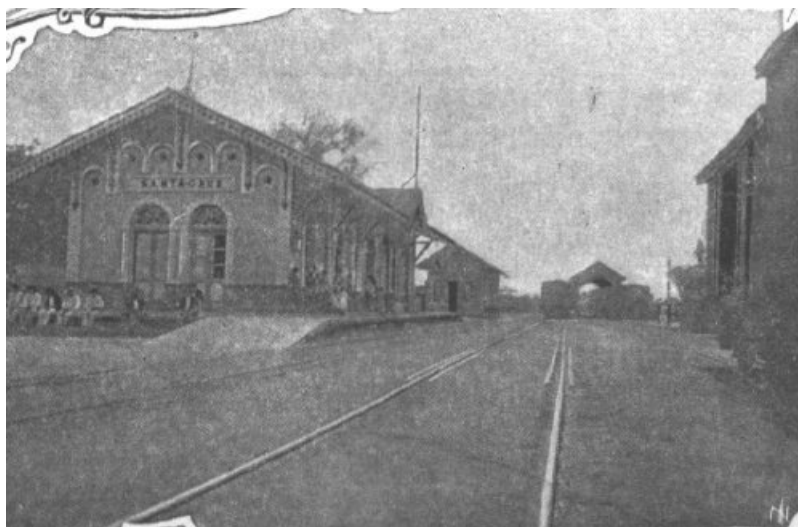
Desde o início deste trabalho, foram abordadas as questões da separação que Barreto faz em suas críticas e em suas obras, devido a consequente reformulação da cidade do Rio de Janeiro, que beneficiava somente quem morava aos arredores da Rua do Ouvidor ou da Avenida Central, hoje a Avenida Rio Branco. Conseqüentemente, o autor vai abordar logo no primeiro parágrafo do conto *Manel Capineiro*, o distanciamento e o desconhecimento do Rio de Janeiro central com o Rio de Janeiro da periferia que são corroborados neste trecho:

QUEM CONHECE a Estrada Real de Santa Cruz? Pouca gente do Rio de Janeiro. Nós todos vivemos tão presos à avenida, tão adstritos à Rua do Ouvidor, que pouco ou nada sabemos desse nosso vasto Rio, a não ser as coisas clássicas da Tijuca, da Gávea e do Corcovado. (BARRETO, 1921, p. 12)

Como Barreto escreveu no primeiro parágrafo de seu conto, poucos conheciam esta região esquecida e que não recebia a modificação planejada



pelos republicanos. Sendo que, pode-se ressaltar, na fotografia abaixo, os resquícios da arquitetura monárquica e a importância da linha férrea, pois tem-se toda a área da localidade à sua volta. Sobre esta questão, Benjamin explana o seguinte: “A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.” (BENJAMIN, 1987, p. 224)



*Fotografia 4 – Estação de Santa Cruz (1908) - Por Carlos Moraes e foto cedida por Marco Giffoni*

Como é característico de seus trabalhos, logo o autor vai abordar em suas narrações, descrições da região que cerca a estrada de ferro. Entretanto, essas descrições podem ser observadas como sendo características dos bairros periféricos da cidade, pois não usufruíram das remodelações pelas quais o Rio de Janeiro, cidade e capital, estava passando. Outro ponto que Barreto destaca é que essas regiões, ainda têm as heranças da monarquia: os nomes que envolvem o período monárquico e a estrada de ferro.

Sobre a argumentação feita anteriormente, pode ser abordado como Benjamin refere: “O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em uma coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção.” (BENJAMIN, 1987, p. 223)

Assim sendo, Barreto exemplifica no parágrafo abaixo, sobre a questão de posse que o passado toma para si, quando narra “estrada real” e “estrada de rei”, o que distingue a região, para um passado não muito distante.

Um nome tão sincero, tão altissonante, batiza, entretanto, uma pobre azinhaga, aqui mais larga, ali mais estreita, povoada, a espaços, de pobres casas de gente pobre, às vezes, um chácara mais assim ali, [...] Essa estrada real, estrada de rei, é atualmente uma estrada de pobres; e as velhas casas de fazenda, ao alto das meias-laranjas, não escaparam ao retalho para casas de cômodos. (BARRETO, 1921, p. 12)

Como um profundo conhecedor da sociedade periférica, o autor sabe como abordar neste conto, descrições de uma localidade e seus personagens e vivem afastados do grande centro urbano, como são também, constitutivos de uma região, como a da Estrada Real de Santa Cruz e têm profissões que compõem muita das vezes, a área onde residia a elite da cidade. A respeito deste assunto, Bose cita:

[...] as realidades sociais, isto é, o conteúdo pré-romanescos, embora escolhidas e elaboradas pelo ponto de vista afetivo e polêmico do narrador, não parecem, de modo algum, forçadas a ilustrar inclinações puramente subjetivas. (BOSI, 1980, p. 357).

Assim, analisando a citação anterior, pode-se ressaltar neste exemplo:

Eu a vejo todo dia de manhã, ao sair de casa e é minha admiração apreciar a intensidade de sua vida, a prestança do carvoeiro, em servir a minha vasta cidade. São carvoeiros com as suas carroças pejadas que passam; são os carros de bois cheios de capim que vão vencendo os atoleiros e os 'caldeirões'; as tropas e essa espécie de vagabundos rurais que fogem à rua urbana com horror. (BARRETO, 1921, p. 12)

No conto, o autor descreve Santa Cruz como sendo ainda uma região rural e que as pessoas trazem no interior de seus nomes, a sua função dentro da sociedade: "Também vem ter ao armazém o Senhor Antônio do Açougue, um ilhéu falador, bondoso, cuja maior parte da vida se ocupou em ser carniceiro." (BARRETO, 1921, p. 12). Assim, pode-se acrescentar que a função trabalhista e recebedor de um capital não se separam dele, enquanto sujeito da sociedade.

Assim como na passagem citada no parágrafo anterior, o título já traz a ideia de que o conto vai falar sobre um personagem que vive da capinagem, pois o seu segundo nome denomina essa aproximação. Já a redução de seu nome, também é uma característica de regiões interioranas e traz também, out a denominação de que é um imigrante português. Essa duas abordagens, podem ser analisadas, nestes seguintes trechos:

Outro que lá vai é o Manel Capineiro. Mora na redondeza e a sua vida se faz no capinzal, em cujo seio vive, a vigiá-lo dia e noite dos ladrões, pois os há, mesmo de feixes de capim. O 'Capineiro' colhe o capim à tarde, enche as carroças; e, pela madrugada, sai com estas a entregá-lo à freguesia. ;

Manel Capineiro é português e não esconde as saudades que tem do seu Portugal, do seu caldo de unto, das suas festanças aldeãs, das suas lutas a varapau; mas se conforma com a vida atual e mesmo não se queixa das cobras que abundam no capinzal. (BARRETO, 1921, p. 13)

O plano estilístico de Barreto ao longo do conto, não fica de fora. Ao contrário, aparece não para clarear como é a fala da rua, e sim, a fala que o autor estava acostumado a escutar e repassava para as suas obras demonstrando como o povo na realidade era e de que realidade o autor também pertencia. Mostrando ao leitor, narrativas isentas de camuflagens. Nas passagens que serão apresentadas como exemplos na citação abaixo, observa-se a utilização de léxicos, que fazem parte linguagem das camadas mais baixas e que Barreto convivia em suas experiências boêmias.

Como se fosse mesmo uma estrada de lugares afastados, ela tem também seus 'pousos'. O trajeto dos capineiros, dos carvoeiros, dos tropeiros é longo e pede descanso e boas 'pingas' pelo caminho. ;

Perguntei ao dono quem era. Uma vagabunda, disse-me ele. (BARRETO, 1921, p. 12)

Através da narrativa de Barreto, nota-se que "...a prosa de ficção em língua portuguesa, em maré de academicismo, só veio a lucrar com essa descida de tom, permitiu à realidade entrar sem máscara no texto literário." (BOSI, 1980, p. 358). Pois, o autor traz para a obra o realismo que faz parte do

cotidiano de pessoas que moram em localidades, até então, inexistente para aqueles que somente convivem com paisagens e pessoas que vivem presas a uma determinada localidade. Dentro da narrativa de Barreto, a Rua do Ouvidor e as localidades próximas a ela, são isentas e passa-se a apontar uma simples narração sobre um capineiro português e um pouco do que seria o cotidiano de quem vive na região de Santa Cruz.

## 5. Conclusão

Através da literatura de Lima Barreto, observa-se que a sua biografia se mescla com as suas obras. Pois, as experiências e vivências vão fazê-lo criticar e transportar estas críticas para os seus leitores e a remodelação da cidade do Rio de Janeiro, foi muito além de controle sanitarista, pois transformou a cidade em uma réplica de Paris ou de Buenos Aires, como o escritor costumava criticar através de seus artigos.

A modificação da cidade, não só vai resultar em críticas, mas também, em trabalhos que vão expor o esquecimento do governo republicano em relação à periferia, que não foi beneficiada pela transformação e nem pelo controle sanitarista, que foi adotado na parte central do Rio de Janeiro como foi ressaltado ao longo deste trabalho, através de imagens fotográficas.

O conto *Manel Capineiro* foi publicado em 1921 e tem como “pano de fundo”, a Estrada Real de Santa Cruz e através dela, Lima Barreto descreve a localidade como sendo composta por moradores de baixa renda, sendo que muitos deles trabalham no centro da cidade e enfrentam o declínio e o que restou de herança da monarquia, a estrada de ferro.

Com uma linguagem e temáticas que fogem dos interesses acadêmicos, Barreto vai abordar a questão de que a república estava nascendo, sendo que o começo se restringia somente para as classes dominantes que frequentavam a Rua do Ouvidor e a Avenida Central. Para o resto da população, os limites eram: viver nas áreas suburbanas e a área central, somente para questões de trabalho, em que a transição era feita através da locomoção de trens.

## BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003. 458 p.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. [s.e]. São Paulo: Klick Editora, [s.d]. 196 p.

\_\_\_\_\_. **Contos de Lima Barreto**. [S.l.]: Domínio Público, [s.d], Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000130.pdf>.

Acesso em: 30 out. 2011

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. In: Obras Escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Alfredo. **Pré-Modernismo e Modernismo**. In: História Concisa da Literatura Brasileira. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

COELHO, Eliomar. **Rio Antigo, toda sexta!** [2011]. 2 fotografia, p.b. Disponível em < <http://www.eliomar.com.br/2011/06/03/6267/>>. Acesso em: 30 out. 2011

CRUZ, Otávio. **PROF. Otávio Cruz** [2011]. 3 fotografia, p.b. Disponível em < <http://historiaotavio.blogspot.com/2011/05/rio-antigo.html>>. Acesso em: 30 out. 2011

MORAES, Carlos. **O Rio de Antigamente** [2011]. 4 fotografia, p.b. Disponível em < <http://oriodeantigamente.blogspot.com/>>. Acesso em: 30 out. 2011

PACINI, Paulo. **Rio Antigo** [2010]. 1 fotografia, p.b. Disponível em <<http://www.jblog.com.br/rioantigo.php?blogid=109&archive=2010-09>>. Acesso em: 30 out. 2011

PRIOSTE, José Carlos Pinheiro. Os males do progresso. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, 3 jun. 2011. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/os-males-do-progresso>.

Acesso em: 30 out. 2011